

---

## A UNIDADE NA DIVERSIDADE: ASPECTOS SOBRE A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE CIGANA

### THE UNITY INSIDE THE DIVERSITY: SOME CONSIDERATIONS ON THE GIPSY IDENTITIES

---

Débora Soares Karpowicz  
Mestre em História pela PUCRS  
deborakarpowicz@gmail.com

**RESUMO:** O presente artigo tem por objetivo refletir acerca da construção da identidade cigana, dos costumes, tradições e ritos que os identificam ou diferenciam entre si, ao mesmo tempo em que os caracterizam como uma etnia de traços culturais singulares. Inicia a partir da análise de grupos existentes em Porto Alegre e Região Metropolitana tendo como fontes as entrevistas semi-estruturadas e as observações participantes executadas junto aos membros dos grupos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ciganos. Identidade. Cultura.

**ABSTRACT:** This article aims to reflect on the construction of the Roma identity, customs, traditions and rituals that identify or differentiate between them, while characterizing them as a unique ethnic cultural traits. Starts from the analysis of existing groups in Porto Alegre and Metropolitan Area as source the semi-structured interviews and participant observations carried out with members of the groups.

**KEYWORDS:** Gypsies. Identity. Culture

### Introdução

Quem são os ciganos? Que cultura os identifica entre si? Há uma homogeneidade entre os grupos que se dizem ciganos? E quando questionados sobre o que é ser cigano, como respondem a tal indagação?

Existe um consenso, fundado no entendimento superficial, sobre o que é ser cigano, além de uma exotização pelo fato de possuírem uma cultura tão diferente da nossa. Do ponto de vista histórico, os estudos sobre ciganos denunciam um processo de constantes choques culturais e de exclusão social. Um grande problema para se compreender o *ser cigano* é conseguir desvendar o mosaico multicultural que muitas vezes não passa de uma construção apenas do imaginário dos não-ciganos. (REZENDE, 2000, p. 7.).

O desconhecimento estende-se do senso comum à própria academia. Neste sentido, o presente artigo pretende refletir sobre o que vem a ser a identidade cigana, que costumes, tradições e ritos são comuns entre eles. Este estudo inicia sua análise a partir do exemplo de dois grupos de ciganos que se auto-identificam como tais, sem reconhecerem a legitimidade um do outro, no entanto, fundamentam as suas caracterizações nas mesmas bases históricas, culturais e étnicas. É importante destacar que o presente estudo e esta pequena amostragem não pretende dar conta da diversidade e do conjunto de fatores que constituem o “ser cigano”. Em termos metodológicos e de forma a responder a tais questionamentos, utilizou-se a História Oral híbrida<sup>1</sup> e as observações participantes, que se desenvolveram no decorrer dos anos de 2009 e 2010. O primeiro grupo reside na cidade de Gravataí, região Metropolitana de Porto Alegre, e o segundo, reside em Porto Alegre, bairro Partenon.

Para alcançar tais objetivos, o presente artigo foi desenvolvido em dois momentos. No primeiro momento, serão contextualizados os grupos estudados, de forma a mostrar onde e como vivem, destacando as diferenças e semelhanças culturais existentes entre ambos. No segundo momento, serão analisados os principais aspectos culturais (étnicos) destes grupos, assim como se fará um cotejamento das fontes concomitantemente a estas análises, além da comparação com outros grupos.

### **Contextualização dos grupos**

O primeiro grupo constitui-se de uma comunidade de ciganos localizado na cidade de Gravataí, região metropolitana de Porto Alegre, mais especificamente na parada 61, bairro São Judas Tadeu, rua Vila São Pedro. Constitui-se de aproximadamente 35 ciganos, dentre estes, 14 homens, 8 mulheres e 13 crianças, divididos em 7 famílias e 6 barracas. A fonte de renda principal é o comércio, entre os homens, e a quiromancia, leitura das mãos, entre as mulheres. São oriundos da Tchecoslováquia e se autodenominam como ciganos Rom. O

---

<sup>1</sup> Os procedimentos utilizados em história oral são: História oral pura: feita com diálogos internos das falas apreendidas. História oral híbrida: quando as narrativas concorrem com outros suportes documentais. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História Oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007. p.48.

idioma romaní é a língua oficial do grupo, o português é falado somente quando estão entre “brasileiros<sup>2</sup>”.<sup>3</sup>

Fixaram suas barracas em um terreno baldio, com extensão aproximada de uma quadra. Neste local, não há nenhuma infra-estrutura, no que se refere ao saneamento básico, ou seja, água encanada, rede de esgoto e energia elétrica. O grupo ainda preserva o hábito típico e curioso de acender fogueira no interior das barracas. Este traço, tão simples quanto característico da cultura cigana justifica-se plenamente na prática, pois a fumaça serve para afugentar moscas durante o dia e mosquitos à noite, enquanto que a fogueira, propriamente dita, auxilia na preparação de alimentos, no aquecimento de água e do ambiente nos dias frios, além de servir como fonte secundária de iluminação à noite (CASTRO, 2009, p. 02.).

Segundo relatos das ciganas Luana e Kelli, não raro encontram-se escondidos nas barracas animais venenosos e por vezes peçonhentos, como sapos, cobras, aranhas entre outros. A energia elétrica e água da qual fazem uso é adquirida de uma casa vizinha de frente ao terreno, ao custo de R\$ 7,00 (sete reais) a diária, por barraca. A estrutura frágil do acampamento os sujeita a todo tipo de intempérie. Quando ocorrem temporais ou vento forte é comum que algumas barracas rasguem ou voem por inteiro, deixando a descoberto todo o pouco que possuem. É importante salientar que as atividades domésticas são de responsabilidade exclusiva das mulheres, tendo elas que carregar água diariamente para abastecer as barracas.<sup>4</sup>

O segundo grupo, mais especificamente uma família de ciganos residentes no bairro Partenon de Porto Alegre, tem em seu núcleo familiar o Sr. Aderson Bagesteiro, chamado de Neco Bagesteiro por sua comunidade. Sua família é tradicional em Porto Alegre e contribui significativamente para a conservação e divulgação da cultura cigana. Todos os anos organizam e executam a tradicional festa dos ciganos no Parque Moinhos de Vento (Parcão), local em que, segundo relato do Sr. Bagesteiro, seu avô teria feito o primeiro acampamento cigano em Porto Alegre. Em entrevista, conta como foi a vinda de sua família para o Brasil:<sup>5</sup>

---

<sup>2</sup> Para o grupo de ciganos de Gravataí são denominados “brasileiros” todos aqueles que não pertencem à etnia cigana.

<sup>3</sup> Este número é estimado, pois o grupo é seminômade e tem uma constante rotatividade de parentes destas famílias. Estes dados foram coletados em visita feita no dia 21/11/2009.

<sup>4</sup> Informações obtidas a partir do depoimento de Luana Costichi e Kelli Ivanovichi realizado no dia 21/11/2009.

<sup>5</sup> Segundo relato oral do Sr. Aderson Bagesteiro em Maio de 2009, a antiga baixada dos Moinhos de Vento, hoje Parque Moinhos de Vento (Parcão) era morada de ciganos. Local onde seu avô teria acampado por no mínimo três vezes. Cotejando as fontes, é possível constatar que segundo a Revista do Globo de 1955 o mesmo local, outrora mencionado pelo cigano Bagesteiro, recebia um grupo de ciganos que por ali passavam a fim de comemorar uma grande festividade, um casamento. Fonte: ADAM, José., Os Ciganos estão de acomodando. **Revista do Globo**. Fascículo 641, ano XXVI (25/06/1955). p. 45-49.

Meu avô Mathias Bagesteiro, junto com mais dois irmãos, saíram da Catalunha – Espanha, em 1910 - seguindo para o Uruguai de navio, do Uruguai atravessaram em carroções para o Brasil até Saican – Rosário do Sul/ RS, em sua longa jornada, nas décadas de 30 e 40, acamparam nas baixadas dos Moinhos de Vento, hoje Parcão. Meu pai Mauricio Bagesteiro, nasceu em 21 de outubro de 1935, em Rosário do Sul, após seu nascimento acompanhou a viagem até o “Parcão”.<sup>6</sup>

Pela origem ibérica, deduz-se que a família do Sr. Bagesteiro seja de origem Caló, pois não preservaram o idioma de origem. No entanto, este grupo também se auto-identifica como cigano e a forma de preservação da cultura dá-se através de uma memória mítica que se constitui a partir de lembranças do passado e de alguns poucos contatos com os familiares de origem.

A contextualização dos grupos se faz necessária pelo fato de ambos se auto-identificarem como ciganos. No entanto, é possível observar que, no que tange à forma de moradia, a distinção é significativa. O primeiro grupo caracteriza-se como seminômade, devido à constante rotatividade de famílias que perpassam o acampamento, a infra-estrutura e o saneamento básico são precários, em algumas barracas, inexistentes. O segundo grupo, residente em Porto Alegre, ao contrário do primeiro, mora em uma excelente casa e dispõe de muito conforto. Sobre essas diferenças existentes entre os próprios grupos o professor de Antropologia da PUCSP, Nicolas Ramanush, em entrevista ao Jornal da Gazeta afirma:

Existe sim o preconceito entre os próprios clãs, há ciganos de determinado clã que diz – Eu sou mais cigano por que eu preservo, por exemplo a língua, que nós trouxemos lá do norte da Índia – Outros dizem – não, eu sou cigano por que eu mantenho-me livre – enfim, isso gera estereótipos que até o próprio não-cigano, ou seja, a sociedade brasileira como um todo acaba aceitando aquilo como uma idéia real, e não há. Há uma grande diversidade entre todos os clãs ciganos. (Reportagem: Ciganos no Brasil, 2010 – 3’15 – 3’48.).

No entanto, apesar dessa diversidade evidente, constataram-se algumas características comuns, como os adornos domésticos. Independente de morarem em casa ou barraca a organização interna, o colorido da casa, o uso abundante de tapetes é significativo. Ainda, o primeiro grupo caracteriza-se pelo semi-nomadismo, enquanto que o segundo é sedentário; o primeiro tem na utilização do idioma romaní o traço característico da sua identidade, enquanto que o segundo busca a sua identidade através da memória de um passado

---

<sup>6</sup> Depoimento de Aderson Bagesteiro. Porto Alegre. Junho de 2010.

“idealizado”. Também é importante frisar que o primeiro grupo, quando questionado sobre qual era o maior sonho de um cigano, respondeu:

Eu acredito que o sonho de todo o cigano é ter a sua casa, pelo que eu tô vendo aqui, é ter. Se não tem ainda é porque não pode ainda sabe. Pergunta – Eles não moram em barracas por tradição? Não, eles não estão em barraca por tradição, é por necessidade. É pura necessidade mesmo.<sup>7</sup>

Neste sentido, já é possível destacar que no que tange à forma de moradia os dois grupos diferem-se singularmente. No entanto, percebe-se também que o imaginário idealizado pelos gadjés<sup>8</sup>, quanto ao nomadismo e à vida em barracas, não corresponde ao que os próprios ciganos pensam e desejam, pois, ao serem questionados sobre o fato de morarem em barracas ser tradição, respondem que não, que é pura necessidade. Constata-se também, neste estudo de caso, que o fato de viverem em barracas ou em casas não é determinante para a construção da identidade destes grupos, visto que, independente da forma de moradia ambos se auto-identificam como ciganos. Desta forma, Poutignat ao falar sobre os símbolos identitários corrobora com a ideia de uma identidade inventada:

Que uma identidade étnica seja sempre de um certo modo criada ou inventada, não implica por isso que seja inautêntica ou que os atores que a reivindicam possam ser taxados de má-fé [...] A memória histórica sobre a qual um grupo baseia sua identidade presente pode nutrir-se de lembranças de um passado prestigioso ou ser apenas a da dominação e do sofrimento compartilhados. (POUTIGNAT, 1998, P. 165.).

A construção dessa identidade coletiva, de uma forma geral, e apesar das diversidades entre os próprios grupos, constituiu-se a partir de eixos, podendo estes serem identificados como a forma de moradia, as práticas matrimoniais, o papel atribuído aos mais velhos, a hierarquia tanto de idade quanto de gênero e as práticas linguísticas. Estes são alguns exemplos de elementos que podem constituir a identidade cigana.

### **Análise da Unidade na Diversidade: aspectos culturais e étnicos**

---

<sup>7</sup> Depoimento de Luana Costichi. Gravataí. Novembro de 2009.

<sup>8</sup> Gadje forma como os ciganos chamam os não ciganos. Aqui no Rio Grande do Sul os ciganos costumam chamar os não-ciganos de Gadje ou brasileiros, o que se dá a entender que ser cigano está acima de ser brasileiro.

A construção de uma identidade ocorre a partir do choque e da relação com o outro, com o diferente. Desta forma, para tomarmos consciência da nossa cultura é necessário defrontar-nos com outras culturas. (FERRARI, 2006, p. 79.). Conforme Stuart Hall afirma, as identidades culturais preenchem o espaço entre o “interior” e o “exterior”, entre o pessoal e o público, a identidade costura o sujeito à estrutura, estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, no entanto, ainda segundo Hall “A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia.” (HALL, 2000, p. 10-13.). O caso da construção da identidade cigana não se difere de tal teoria. Para compreendermos a formação desta identidade se faz necessária, primeiramente, a análise da construção do que vem a ser o próprio nome cigano, bem como suas origens e formação étnica. Iniciemos este segundo momento com a análise dos etnôminos designados a estes grupos.

Desde o século XV a palavra cigano é utilizada como insulto. A primeira referência em português que se tem registro é em *A farsa das ciganas* de Gil Vicente, de 1521.<sup>9</sup> A partir do século XIX os “ciganólogos”<sup>10</sup> utilizaram os termos – tsiganos ou ciganos - para identificar algumas populações flutuantes, as quais possuíam uma certa tradição e uma consciência coletiva cuja raiz foi uma origem nômade única, com critérios étnicos e raciais bem definidos.(MARTINEZ, 1989, p. 7.).

No entanto, o termo cigano não compreende um significado homogêneo. Segundo esclarece Dimitri Rezende: “Os nomes *gypsies* (inglês), *gitanos* (espanhol), *gitan* (francês), *zigeuner* (alemão) e *ciganos* atestam essa relação e essa representação fundamental sobre grupos etnicamente distintos.” (REZENDE, 2006, p. 690-729.). O próprio nome já demonstra que são formados por grupos distintos em sua essência e passíveis de origens diversas, inclusive com diversos processos de hibridização com outras populações.

No Brasil os ciganos são constituídos por três diferentes grupos que se caracterizam pelo local de origem e pela corrente linguística. Estes são: Os ciganos chamados de **Calon** que segundo a historiografia, teria sido o primeiro grupo a ser expulso da Europa e enviado para o Brasil. Ao que tudo indica, teriam vindo, a partir do século XVI, da Península Ibérica para a América. A língua que os unifica e da mesma forma os diferencia dos demais grupos é o caló. Até o final do século XVIII este foi o principal grupo de ciganos a povoar nosso território.

---

<sup>9</sup> Nesta peça teatral, os ciganos são considerados como originários da Grécia. In: (TEIXEIRA, 2009. p.18).

<sup>10</sup> **Ciganólogo** – termo utilizado a partir do século XIX para descrever os pesquisadores que estudavam sobre os “boêmios” ou “egípcios”, como eram chamados os ciganos antes. O primeiro “ciganólogo” foi *Paul Balailard*, estudante da Ecole des Chartes, escreveu em 1844, o primeiro trabalho sobre os ciganos intitulado: Surgimento e à dispersão dos boêmios na Europa. IN: MARTINEZ, Nicole. **Os Ciganos**. Campinas, SP: Papirus, 1989. p. 19.

A partir de meados do século XIX, junto com levas de imigrantes, chegaram novos grupos, os chamados ciganos **Rom**. Eram “imigrantes” vindos da Boêmia, até então Império Austro-Húngaro. A língua que os unifica é o Romaní. Outro grupo cigano importante, no entanto pouco estudado, são os ciganos **Sinti**, que vieram para o Brasil a partir do final do século XIX, oriundos principalmente da Alemanha, França e Itália. A língua deste grupo é o Sintó.<sup>11</sup>

A partir destas diferenças, Dimitri F. Rezende defende a idéia de uma identidade etnizada, a saber: a construção de uma identidade cigana relacionada à comunidade (imaginada). Em outras palavras, esta identidade se revela apenas em determinados momentos nas relações entre ciganos e não-ciganos, sendo esta comunidade representada através de uma nação sem territórios ou fronteiras, composta por grupos diferentes entre si e que parecem existir apenas no imaginário dos *gadje*. O princípio desta relação simbólica esta na “tenda cigana”, que é representada como lar ideal. (REZENDE, 2006, p. 690-729.).

Ainda no século XIX, segundo o autor Rodrigo Corrêa Teixeira, nas posturas municipais que tratam de ciganos aqui no Brasil, eles eram associados a *peessoas desconhecidas e suspeitas*. Em seguida, são definidos como sendo *os que são por tais havidos*, ou seja, *reconhecidos socialmente como ciganos*. (TEIXEIRA, 2009, p. 18.). Neste período os ciganos eram relacionados, e conseqüentemente reconhecidos, pelo ofício do comércio de “coisas” roubadas, principalmente pelas trocas e vendas de escravos e animais. Ainda segundo Teixeira:

Historizar os ciganos nos remete a compreendê-los na sua pluralidade e no seu excepcionalismo. Há uma generalidade reducionista ao se chamar de ciganos indivíduos e/ou comunidades com diferenças significativas entre si. Precisa-se, assim, tomar cuidado ao denominar “cigana” a identidade de grupos que chegaram ao Brasil deportados de Portugal desde o século XVI e, ao mesmo tempo, a identidade de famílias oriundas dos Balcãs e da Europa central, que chegaram ao país no final do século XIX. Trata-se de uma enganosa generalização, sem dúvida, pois que o espaço e o tempo modificam sensivelmente a constituição desse “sujeito”. (TEIXEIRA, 2009, p. 20.).

Sendo assim, é possível observar que a identidade cigana se forma a partir de diferentes olhares, tanto o dos próprios ciganos, que se constituem por eles mesmo através de

---

<sup>11</sup> Há autores que afirmam que o ex-presidente do Brasil, Juscelino Kubitschek, teria descendência cigana. Seu bisavô teria imigrado para o Brasil no início de do século XIX em torno de 1830-1835. O seu bisavô teria sido o primeiro cigano *rom* a chegar no Brasil, Jan Nepomusky Kubitschek, oriundo da Tchecoslováquia. Sobre a origem cigana dos Kubitschek, posteriormente passou-se a escrever Kubitscheck, Ver: PEREIRA, C. “Gli Zingari in Brasile”. **Lacio Drom**. Roma, anno 26, n° 6, p. 3-5, novembre-decembre 1990. Sobre os grupos ciganos vindos para o Brasil. Ver PAIVA, 2003; REZENDE, 2000; MORAIS, 1981

um mosaico étnico, como a partir do olhar dos pesquisadores que, em consequência da diversidade e ao mesmo tempo singularidade cultural, os classificam pejorativamente sem o cuidado de observar a identidade e a cultura a partir delas mesmas, mas caracterizando-os a partir da ótica de quem os observa. Corroborando com esta idéia, Corrêa afirma:

Assim, um cigano *Calon* e um cigano *Rom* só possuem um predicativo idêntico no domínio da linguagem, quando emitimos proposições como “este *calon* é cigano” ou “aquele *Rom* é cigano”. Mas a percepção atenta das singularidades nega, taxativamente, a suposta identidade dos nomes e dos predicados. [...] No domínio dos ciganos, não existem senão múltiplas identidades. Daí que o termo cigano não designa as comunidades por nomes que elas próprias dão para si. Ela designa, isto sim, uma abstrata imbricação de comunidades ciganas. A diferença é muito grande, pois na realidade não existem ciganos, mas sim diversas comunidades (historicamente diferenciadas) chamadas de ciganas mantendo relações de semelhança e/ou dessemelhança com as outras. (TEIXEIRA, 2009, p. 20-21).

Focando-se no aspecto da identidade do primeiro grupo, quando comparado com outros grupos, pode-se observar semelhanças e diferenças nos seus eixos constitutivos. O grupo de Gravataí, cujos sobrenomes de destaque são: Costichi e Ivanovish são oriundos da Tchecoslováquia, segundo o relato dos moradores do acampamento. Este grupo se autodenomina como ciganos Rom, todos os membros falam a língua Romaní. Quando questionadas sobre o que os identificam como ciganos, eles destacam: primeiro, a questão sanguínea, o que remete à importância do nascimento dentro do próprio grupo. Segundo, as formas de tratamento. Eles não têm o hábito de utilizar expressões como “com licença”, “muito obrigado”, “por favor,”, entre outros.

As ciganas Kelli e Luana salientam que eles não são educados como os brasileiros, quando desejam alguma coisa emprestada a pegam sem pedir. Ambas destacam que a vida dos ciganos é mais liberal, não há uma educação no sentido formal, de ir à escola, aprender a ler e escrever. Dentro do acampamento as crianças vivem soltas, livres, andam sujas, descalças, os pais não ficam supervisionando e cobrando uma postura, para eles esta liberdade é normal.<sup>12</sup>

A vida dos ciganos é mais liberal, em certo ponto, do que a vida dos brasileiros. A minha mãe cobra muito quando vem aqui. Vai botar a roupa, limpa o nariz dessa menina, a Michele, vai lavar as mãos, não fala coisa feia. Para as crianças xingar e falar palavrão é coisa normal, ninguém dá bola de andar assim peladinho. Se fosse brasileiro já seria mais difícil.

---

<sup>12</sup> Informações obtidas a partir do depoimento de Kelli Ivanovichi e Luana Costichi. Gravataí. Novembro de 2009.

Aqui corre um pelado e ninguém dá bola, nem as crianças. Não dão bola um para o outro. Mas é as crianças que andam assim, os adultos não.<sup>13</sup>

Outra característica destacada pelas ciganas que os identificam entre si e, ao mesmo tempo, os difere dos brasileiros são os costumes referentes ao vestuário, como por exemplo: as mulheres são impossibilitadas de usar calças após o casamento, podem apenas vesti-las até o início da puberdade. Esta tradição é passada de geração em geração, não há rituais de passagem, mas a cobrança é feita tacitamente, ou seja, ninguém exige diretamente tal mudança de comportamento, a cigana sabe o momento a partir do qual deve usar somente a saia.<sup>14</sup> Hobsbawm refere-se a essa tradição tacitamente aceita como “tradição inventada”, conforme define:

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com o passado histórico apropriado. (HOBSBAWM, 1997, p. 9).

Quanto à forma de moradia, a vida em barracas, no que tange aos grupos observados, foi possível constatar que os ciganos só vivem desta forma quando não há possibilidade de obter uma moradia fixa. A liberdade que desejam e destacam não é a liberdade de morar em um acampamento, mas a liberdade de locomoção. Um dos questionamentos feito às ciganas foi: Qual é o seu maior sonho? E ambas responderam: *“o sonho de todo cigano é ter uma casa. Eles não estão em barracas por tradição, eles estão em barracas por necessidade”*, destacam ainda. *“O sonho de todo cigano é ter tranquilidade, é não ter que carregar água, não ter que se preocupar com chuva, com tempo ruim.”*<sup>15</sup>

Cotejando as fontes - a partir da fala do Historiador e fundador do museu cigano, Albino Granado, no documentário sobre os ciganos no Brasil – é possível constatar que a itinerância da vida em acampamento é pura necessidade, não mais tradição, como se criou no imaginário dos não-ciganos:

O nomadismo do povo cigano não é só por este espírito aventureiro, existe, se criou isso e a partir daí virou hábito, mas não por que gostariam, é necessidade mesmo. Se eu ficar aqui hoje vão me matar, no passado era assim, os ciganos já eram recebidos a bala, eram massacrados. (Documentário. Ciganos: uma verdade em segredo, 2007 – 5’45 – 6’02). Ainda

---

<sup>13</sup> Depoimento de Kelli Ivanovichi e Luana Costichi. Gravataí. Novembro de 2009.

<sup>14</sup> Depoimento de Kelli Ivanovichi e Luana Costichi. Gravataí. Novembro de 2009.

<sup>15</sup> Depoimento de Luana Costichi. Gravataí. Novembro de 2009.

sobre o acampamento cigano, o Pe. Jorge Rocha Pierozani, Presidente da Pastoral dos nômades do Brasil, em mesmo vídeo sobre os ciganos no Brasil, descreve a particularidade que é um acampamento cigano.

Lá é outro mundo, não faz parte do Brasil, o acampamento cigano não é São Paulo, não é Brasil, não é esse planeta, é outra realidade. Tem leis próprias. Ali não interessa quem é o Presidente da República, quem ganhou o campeonato brasileiro, quem foi rebaixado. (Documentário. Ciganos: uma verdade em segredo, 2007 – 6’03 – 6’24).

Observa-se que a idéia de gostar de morar em acampamento, existe apenas no imaginário dos *gadje*, os não ciganos, a liberdade que destacam é a liberdade de ir e vir, e não a liberdade do nomadismo com a qual estamos acostumados a identificá-los, ao mesmo tempo em que, dentro dos acampamentos, quando existentes, a singularidade dos hábitos, da forma de convívio, da cultura é indescritível, é um mundo a parte do nosso. Neste sentido Hall afirma que em uma identidade existe sempre algo “imaginário” ou fantasioso sobre sua unidade. Ela está sempre incompleta, sempre "sendo formada". (HALL, 2000, p. 38.).

Prosseguindo a análise dos eixos constitutivos da identidade coletiva dos ciganos, constatou-se, a partir da análise do primeiro grupo, que o ritual de passagem mais importante é o casamento. São os laços de união que perpetuam a própria identidade do cigano. A vida das famílias se constitui em torno dos laços familiares que irão fazer com outras famílias. Pela tradição cigana, a mulher casa-se a partir dos 12 anos, muitas vezes como resultado de promessa anteriormente feita pelos pais. No entanto, o casamento só se efetiva quando há o nascimento do primeiro filho. A mulher tem o papel da procriação e passagem da memória familiar e do grupo, através da oralidade, para as novas gerações. Sobre o casamento a cigana Kelli destaca: “*casei com 13 anos, ele tinha 14. No início nós não gostamos, depois convivendo acabamos se acostumando.*”<sup>16</sup>

Como forma de demonstrar tal diversidade cultural, trago como exemplo outra observação feita junto a um grupo de ciganos que festejava o casamento de sua filha mais velha. Os ritos e costumes têm características gerais comuns, no entanto há certas especificidades de acordo com as famílias e os subgrupos em particular. Neste caso todos eram de origem Romaní, se auto-identificavam como tais e, ao que foi possível observar, todos os 400 ciganos reunidos para a festa de casamento falavam este idioma. No entanto, observaram-se diversidades referentes aos aspectos que envolvem o casamento, como a idade

---

<sup>16</sup> Depoimento de Kelli Ivanovichi. Gravataí. Novembro de 2009.

da noiva, destaco aqui matéria veiculada em jornal local, a qual chamou a atenção para a idade dos noivos e para a forma como decidiram casarem-se:

A festa de casamento cigano chamou a atenção dos encantadenses pelos festejos que durou toda a semana. Camila Saul (19 anos), da família que reside em Lageado e Marcelo Saul (22 anos), de Veranópolis, são parentes distantes, já se conheciam e a três meses decidiram se casar. [...] “Não havia prometido a minha filha, como é tradição, ela escolheu com quem se casar”, conta o pai da noiva (RISSI, 2010. p. 3.).

Analisando os dois grupos, os ciganos de Gravataí, primeiro grupo observado, e os ciganos de Encantado, percebe-se que ambos fazem parte do grupo Romaní, pois o dialeto falado por eles é o mesmo, no entanto, é possível constatar certas similitudes e diferenças no que se refere ao rito do casamento. No grupo de Gravataí constatou-se que as mulheres casam-se muito cedo e geralmente os casamentos são arranjados, sendo os noivos prometidos ainda jovens pelos pais, já no grupo de encantado, segundo relato do pai da noiva, os noivos não foram prometidos jovens, a decisão de casarem-se partiu deles mesmos e a noiva casou-se com idade mais avançada, se comparada a idade culturalmente determinada. Esta diversidade cultural existente entre os grupos é destacada por Rodrigo Teixeira:

Nenhum cigano conhece todos os detalhes da identidade em que está inserido. Tal como não conhece todo espaço cultural que o comporta, não sabendo, pois, ler todo o seu “mapa cultural”. [...] Há aspectos da identidade cigana compartilhados por todos os ciganos, outros que são particulares de cada subgrupo e ainda outros selecionados pelo indivíduo num leque de opções. Cada cigano é portador de um conjunto singular de elementos dessa identidade, embora não haja uma noção de individualidade tal como no mundo ocidental. (TEIXEIRA, 2009, p. 22.).

Estes eixos constitutivos da identidade coletiva dos ciganos são capazes de sintetizar como se forma esta identidade, mesmo que esta formação ocorra de maneira simbólica e imaginada por apenas alguns instantes. Como no caso dos ciganos que se reuniram em Encantado para comemorar a festa de casamento. A reunião para o casamento é o momento mais importante para o grupo, segundo relato da cigana Débora: *“aqui nós escolhemos os noivos para nossas filhas, vemos como as famílias estão, é um momento de contato com outras famílias, depois que acaba voltamos para casa e tudo volta ao normal.”*<sup>17</sup>

---

<sup>17</sup> Depoimento de Débora. Encantado. Abril de 2010.

De acordo com os dados do Jornal local e a partir da observação e entrevistas semi-estruturadas com os participantes da festa, foi possível destacar alguns fatores importantes que constituem o ritual do casamento.

Desde pequenas, as meninas ciganas costumam ser prometidas em casamento. Os acertos são normalmente feitos pelos pais do noivo, que decidem unir suas famílias. O casamento é uma das tradições mais preservadas entre os ciganos, representa a continuidade da “raça”, por isso o casamento com os não ciganos não é permitido em hipótese alguma, quando isso acontece à pessoa é expulsa do grupo. Há exceções, e quando o cigano homem casa com uma não cigana (*gadje*), esta tem que se submeter às regras e as tradições ciganas.

É através do casamento que os ciganos entram no mundo dos adultos. Os noivos não podem ter nenhum tipo de intimidade antes da cerimônia. A grande maioria dos ciganos no Brasil ainda exige a virgindade da noiva através da mancha de sangue no lençol que é mostrada a todos no dia seguinte. Caso a noiva não seja virgem, ela pode ser devolvida para os pais e esses terão que pagar uma indenização para os pais do noivo.

Durante a festa de casamento os convidados homens sentam ao redor de uma mesa no chão e com um pão grande sem miolo recebem os presentes, em dinheiro ou em ouro, dos convidados. Estes são colocados dentro do pão ao mesmo tempo em que os noivos são abençoados. Em troca recebem lenços e flores artificiais abençoadas pelas mulheres.

Geralmente a noiva é paga ao pai em moedas de ouro, a quantidade é definida pelo pai da noiva. Algumas particularidades distinguem e dão a um casamento cigano o seu caráter específico. A festa de casamento é prevista para durar de dois a vários dias, reunindo ciganos de todas as partes do país, e mesmo do exterior, pois os convites são dirigidos aos membros da comunidade em geral. As despesas das festas de noivado e do casamento, incluindo o vestido da noiva, são de responsabilidade da família do noivo. (Jornal FORÇA DO VALE, 2010. p. 13.).

## **Considerações finais**

Essa unidade dentro da diversidade, que constatamos através da análise dos grupos e do cotejamento com outras fontes, faz parte da própria identidade dos ciganos, que constantemente são obrigados a reinventar a sua própria cultura, de forma a não serem absorvidos e assimilados pela cultura externa. Fato este, que se observa a partir da análise da

história desse povo, que se constituiu a partir de perseguições, preconceitos, diásporas e políticas anti-ciganas, e, mesmo assim, não incorporou a cultura local. Desta forma, é possível caracterizá-la, conforme Rezende afirma, como uma cultura de resistência.

Portanto, é possível afirmar que, neste contexto de idas e vindas, choques e tentativas de assimilação, os grupos encontraram formas de manter as tradições inassimiláveis adaptando-se de forma inovadora. O *ser cigano* se constitui a partir do “sentir-se parte da cultura”, incorporando algumas práticas e simbolismos de acordo com as regras existentes dentro do próprio grupo. No entanto, não é possível afirmar que existe uma “nação” cigana, no sentido macro da palavra, mas sim, vários grupos que se auto-identificam como tais, sem muitas vezes reconhecerem-se uns aos outros, daí a importância da identidade, baseada em símbolos, pois esta se reafirma constantemente com a diferença, como o olhar frente ao outro, o não-cigano.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

CASTRO, Débora Soares. *A “Escrita de Si” de uma Etnia e os valores de uma cultura*. Mestranda em História pela PUCRS. (Manuscrito, 2009).

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os Estabelecidos e os Outsiders*. Rio de Janeiro: 2000.

FERRARI, Florência. Ciganos Nacionais. *Acta Literaria*. Nº 032 (2006), pp. 79 – 96.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

MARTINEZ, Nicole. *Os Ciganos*. Campinas, SP: Papyrus, 1989.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. *História Oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2007.

PAIVA, Sérgio Rosa. *Mulheres do Rio Grande do Sul - Diversidade*. Porto Alegre: SFERASRP Editora de Artes, 2006.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da Etnicidade: seguido de Grupos Étnicos e suas Fronteiras de Fredrik Barth*. Trad. Elcio Fernandes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

REZENDE, Dimitri Fazito. A identidade cigana e o efeito de “nomeação”: deslocamento das representações numa teia de discursos mitológico-científico e práticas sociais. *Antropologia*. São Paulo: Scielo Brasil. Vol. 49, Nº. 2 (2006), pp. 690-729.

\_\_\_\_\_. *Transnacionalismo e Etnicidade – a construção simbólica da Romanesthàn (Nação Cigana)*. Minas Gerais: FAFICH – UFMG, 2000. Dissertação (Mestre m Sociologia), Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, 2000.

TEIXEIRA, Rodrigo Corrêa. *Ciganos no Brasil: Uma Breve História*. Belo Horizonte: Crisálida, 2009.

## **FONTES DOCUMENTAIS**

ADAM, José., Os Ciganos estão de acomodando. *Revista do Globo*. Fascículo 641, ano XXVI (25/06/1955). p. 45-49.

RISSI, Rogério C. Três dias de Festa. *Força do Vale*. 16 de abril de 2010. p. 13.

VERSSETTI, Juremir. Caderno Cidades. *Correio do Povo*. 17 de abril de 2010. p. 3.

## **ENTREVISTAS ORAIS**

Depoimento de Aderson Bagesteiro. Porto Alegre. Maio de 2009.

Depoimento de Luana Costichi. Gravataí. Junho de 2009.

Depoimento de Kelli Ivanovichi. Gravataí. Outubro de 2009.

Depoimento de Kelli Ivanovichi e Luana Costichi. Gravataí. Novembro de 2009.

Depoimento de Débora. Encantado. Abril de 2010.

Depoimento de Aderson Bagesteiro. Porto Alegre. Junho de 2010.

## **VÍDEOS**

CIGANOS: Uma verdade em segredo. Direção: Camila Guebur, Helena Gomes, Izabel Álvares, Marina Massote, Marina Seidel, Vanessa Schuster, Viviane Claassen. Roteiro: Marina Massote. *Trabalho de mini TCC de 2007 do curso de Jornalismo da Anhembí Morumbi, 2007.*

Disponível em: < <http://www.youtube.com/watch?v=2cs4Nva6G1A&feature=related> >.  
Acesso em: 26 de jun. 2010.

CIGANOS NO BRASIL. *Jornal da Gazeta*. Exibido em 25/05/2010. Disponível em:  
<[http://www.youtube.com/watch?v=HIvOa10Sq7c&feature=player\\_embedded](http://www.youtube.com/watch?v=HIvOa10Sq7c&feature=player_embedded)>.  
Acesso em: 26 de jun. 2010.

ARTIGO ENVIADO PARA PUBLICAÇÃO EM: 24.09.2013  
ACEITO PARA PUBLICAÇÃO EM: 10.02.2014